

Tertúlia

O ESTOQUE

Em Família; por amor a Vila Franca

Bem no “coração” da cidade de Vila Franca de Xira está uma das tertúlias mais dinâmicas da terra. Nasceu da transformação de uma garagem num espaço de convívio e reunião familiar. O nome “O Estoque” retrata bem a paixão pela verdade da Festa Brava. Comemora este ano o seu 33.º aniversário. Está “na flor da idade” e orgulha-se de já ter reunido quatro gerações de tertulianos, o mais novo com dois anos de idade.



Nascimento

Tudo começou há 33 anos, a partir de uma garagem, propriedade de José Fernandes, conhecido por Zé “da Mariana”, e de Maria Letra. Era um espaço meio abandonado nas traseiras da estação de Correios da cidade, bem perto do Mercado Municipal.

Em 1976, Maria Letra, com as filhas, Fernanda e Eduarda, e os genros, José Leonel e Augusto Levezinho, unidos pela Festa Brava, iniciam a transformação do local e fundam a tertúlia. “Não tinha nada a ver com o que é agora. O que aproveitámos foi essencialmente esta entrada e aquele portão que é único em Vila Franca. Criámos estas paredes, os arcos e o tecto, com a ajuda de alguns amigos. Há dois que não esquecemos e a quem agradecemos muito a colaboração: o Teodoro Poim, que já cá não está, da Castanheira do Ribatejo e o Teodomiro Carvalho, aqui de Vila Franca. A Maria Letra ajudou bastante, mesmo financeiramente. Depois juntou-se a nós também a malta mais nova”, recorda Augusto Levezinho.

Batismo

A paixão pela Tauromaquia motivou a escolha do nome. “O Estoque. É uma ferramenta que, infeliz-

mente, em Portugal os profissionais, toureiros e cavaleiros, não podem utilizar. A Lei não o permite e nós temos que a respeitar. É utilizada num dos momentos mais importantes da Festa Brava: o confronto final do toiro com hastes limpas e o homem”, justifica Augusto Levezinho que recorda as vezes que, em nome desse momento, viajam para o país vizinho: “Dormimos no carro e comemos no parque de estacionamento para podermos assistir a uma corrida com a verdade da Festa”. Não fosse a bendita entrevista e estariam todos frente ao televisor, “a ver a verdade dos toiros, com um curro português, um curro de *Palha*, que está a dar da Feira de Sevilha!”.

De geração em geração

Ao longo destes 33 anos a tertúlia já conseguiu envolver quatro gerações. “É uma faceta muito engraçada. Começou pela avó, que era a matriarca, depois as filhas e respectivos genros, depois os netos e agora os bisnetos. O mais novo tem dois anos. Aprendemos a apreciar touros pelas mãos destes nossos antepassados”, recorda Luísa Letra que não esquece o papel do pai, “Manel da Neta”, o homem que abriu, durante 45 anos, os curros da Palha Blanco: “Levava-nos ao colo, sen-



Maria Letra,
matriarca da família
adadora da tertúlia

tava-nos nos parapeitos da Praça, onde a gente via os touros e aprendemos a gostar. E aquilo que ele um dia fez é o que hoje conseguimos fazer aos nossos filhos de uma outra forma. O saber ir, o saber estar e o saber ver - tudo isso a gente foi aprendendo”.

Dentro de portas

Criar um espaço de convívio que não tivesse a ver com a Tauromaquia estava completamente fora de questão. “Isso era mesmo fora do contexto! Nós em Vila Franca e aficionados, a gostarmos dos touros e da Festa Brava, estava fora de contexto arranjarmos aqui uma casa só para petiscos, não acha? Quer dizer, isto tinha que ser realmente dedicado àquilo de que nós gostamos e aquilo de que nós gostamos são os touros!”.

Este amor aliado às boas relações familiares mantêm bem viva a chama da tertúlia. “Parece-me que será quase a única tertúlia em Vila Franca que todos os fins-de-semana faz convívios, na maioria da vezes com a família e de vez em quando também com alguns amigos. Durante o ano vivemos aqui muitos dias e noites a brincar e a passar bons momentos”, afirma orgulhoso Augusto Levezinho.

Todos trabalham e contribuem da mesma forma, garante Fernanda Letra, outra das fundadoras: “Nós lavamos a loiça, pomos as mesas. Eles tratam do trabalho mais “pesado” e da comida. Temos muito bons elementos. Muito bons cozinheiros. É um trabalho de equipa”.

Nos pouco mais de 15 m² de espaço, respira-se *aficción*. É notório que cada centímetro foi cuidada e criteriosamente preenchido com uma peça decorativa ligada à Tauromaquia. Os donos da casa afirmam que o espólio poderá não ter grande valor material, mas tem muito valor sentimental. Luísa Letra conta que cada peça exposta tem uma história e um sentido. “Só está aqui porque representa

qualquer coisa para nós. A *aficción* na Palha Blanco com fotos da avó sentada na barreira; quadros da tradicional Feira do Melão, que agora não tem havido, mas que é importante porque tem a ver com a nossa cultura colectiva de povo ribeirinho, ao qual a nossa avó também pertencia; a peça do forçado está aqui porque foi a roupa de um neto da fundadora desta casa: o célebre Carvalhosa. Foi um dos primeiros portugueses a pegar um toiro em pontas na Monumental de Madrid. Depois há o capote que era da Escola José Falcão. Há os retratos dos grandes toureiros de Vila Franca. Cada quadrozinho destes tem uma história. É um bocadinho de nós”.

É uma tertúlia de família e de afectos, aberta ao exterior. Luísa Letra afirma com satisfação que aquele que visita o espaço “ficará a saber um bocadinho mais dos nossos usos e costumes, fica a conhecer a nossa forma de conviver, recebe um bocadinho da nossa *aficción* e fica com vontade de cá voltar. Aquilo que no fundo nos dá prazer é enaltecer o nome de Vila Franca!”.

Sendo a tertúlia, por definição, um espaço de debate de ideias, a tertuliana assegura que “O Estoque” não foge à regra. “É um espaço aberto à troca de diferentes opiniões, a outras famílias, amigos e a todas as pessoas que apreciem a Festa Brava, que gostam de *aficción*, que gostam muitas vezes até de a discutir, porque aqui também de discute”. (VER CAIXA)

Fora de portas

Existem cerca de 30 tertúlias constituídas em Vila Franca de Xira, mas, na maioria dos casos, a sua actividade é mais notória apenas durante as grandes festas da cidade: Colete Encarnado e Feira de Outubro. Na tertúlia “O Estoque” as coisas não se passam bem desta forma: “Nós aqui também temos esse condão no Colete Encarnado e vamos buscar as sardinhas que a Câmara nos concede, mas independentemente disso, durante todo o ano temos sempre a nossa caldeirada, ou uma feijoada ou um churrasco. Na Feira há aí uns cinco dias em que praticamente parecemos um restaurante: criamos uma ementa e todos os dias responsabilizamo-nos por cumpri-la para os amigos e cada um paga o seu. É um convívio!”, explica Augusto Levezinho.

Mas a dinâmica da tertúlia também extravasa as suas portas, e já há experiência na organização de uma Festa Campera. Aconteceu há três anos, na Herdade da Torrinha, do Mestre David Ribeiro Telles, e foi um

sucesso. Este ano, à data da entrevista, preparava-se a segunda experiência. “Penso que esta é a única tertúlia, com cariz familiar, que organiza este tipo de Festas”, refere Augusto Levezinho. Fernanda Letra acrescenta: “Nós temos esta vida toda para dar. Vila Franca merece uma coisa destas. Somos assim e damos tudo aquilo que podemos”.

Com as outras tertúlias

É consensual a ideia de que as tertúlias são uma marca da tipicidade de Vila Franca de Xira, podendo constituir-se como embaixadoras das tradições da cidade. A experiência desta tertúlia parece comprová-lo. “Apesar de nós não termos um espólio muito rico, as pessoas param e acham engraçado o pouco que temos, gostam do portão e acham curioso ver tanta gente reunida num espaço tão pequeno”, conta Augusto Levezinho. Se gostariam de ver mais tertúlias com uma actividade e dinâmica semelhantes, Fernando Letra não hesita: “Ah! Isso adorava! Porque traria a Vila Franca algo de novo. O Bairrismo a *aficcion*, essas coisas todas...”.

Luísa Letra destaca mesmo a iniciativa de uma das tertúlias mais recentes da cidade, “O Aficionado”, pela exposição de trajes de “luces” que realizou o ano passado. “Uma coisa fabulosa, importantíssima, educativa. Não sei qual foi o número de visitas que lá tiveram, mas não vi uma grande divulgação da exposição, o que foi uma pena. Foi uma tertúlia que teve uma iniciativa inovadora e é de louvar. É desse tipo de coisas que faz falta haver mais”.

Desafiados a lançar sugestões para tornar o ambiente tertuliano da cidade mais vivo, Augusto Levezinho não tem dúvidas de que seria bom haver mais convívio entre as tertúlias e que organizassem iniciativas em conjunto. Ideias não lhe faltam! Por exemplo, um encontro anual de tertúlias na praça de touros, por altura da Semana da Cultura Tauromáquica: “Era tão bonito! Falávamos aí com gente conhecida, arranjavamos umas vacas... Mas isto não pode ser só uma ou duas a meter-se e a arcar com tudo. Têm de ser pelo menos uma meia dúzia a organizar-se e a partilhar tarefas”. E fala também uma Festa Campera de todas as tertúlias, aberta a vila-franquenses e forasteiros: “Acho que era genial. Pudermos passar este frenesim que temos no sangue aos que não têm isto. Quem sabe se não arranjavamos mais adeptos para a festa do Campo e dos Touros, da Tauromaquia!”

Pela sua parte, os representantes d’ “O Estoque” mostraram-se receptivos a trabalhar em conjunto



com os seus parceiros e com a Câmara Municipal, no sentido de fomentar a actividade das Tertúlias e engrandecer a Festa. “Desde que seja para divulgar o nome da minha terra, que é Vila Franca, que, para mim, é a maior terra do Ribatejo, claro que sim”, afiança Augusto Levezinho.

Texto: Susana Santos

Fotos: Vitor Cartaxo e Tertúlia “O Estoque”

Se “Tertúlia” é sinónimo de debate e discussão, pudemos presenciá-los *in loco*. O Colete Encarnado foi o mote para uma troca de argumentos bem acesa, mas respeitadora como se quer.

Desabafa Luísa Letra: “No cortejo não gosto de ver charretes com sevilhanas em cima. Aquilo não é meu. Aquilo não me diz nada. Não estou contra a missa *rociera* em si, mas pelo menos o cortejo devia ser mais simbólico do que nós somos, do que é Vila Franca. Vem aí um turista e pensa que aquilo é nosso, e não é. Uma coisa é a *aficcion* dos touros que tem tradições portuguesas e espanholas, mas que já são apreciadas a nível mundial. Outra coisa é estarmos na festa popular do Colete Encarnado e ver tantas referências a coisas que não são nossas.”

Replica Augusto Levezinho: “Mas hoje em dia é preciso não esquecer que temos que fazer coisas para toda a gente, coisas modernas. Temos que apresentar coisas que “puxem gente”!”

Luísa Letra: “Tudo bem, mas que não se percam as nossas raízes!”

